
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Revista
Didática Sistemática

TRIMESTRAL

ISSN: 1809-3108

Volume 4, julho a dezembro de 2006

**A ARTE ENQUANTO ESPELHO DA ESTÉTICA: UM DIÁLOGO ENTRE
PLATÃO E KANT ACERCA DAS RAÍZES HISTÓRICO-FILOSÓFICAS DA
BELEZA**

André Luiz Portanova Laborde¹
Cassiano Paes da Silva²
Alessandra Rodrigues Lobo³

RESUMO

O presente artigo tem a finalidade de traçar um diálogo entre as concepções de Platão e Immanuel Kant acerca da beleza e do problema do belo. Dessa forma, pretende versar a respeito do sentido que a estética se aproxima da beleza para encaminhar uma discussão tendo por objetivo esclarecer suas possíveis relações com a História e a Filosofia. A intenção desse estudo é de justamente promover a reflexão ao redor da problemática que abarca o belo enquanto ‘mecanismo’ filosófico, propiciando a compreensão fundamental e conceitual do mundo através do caráter híbrido que está contido no debate travado pela filosofia e arte na medida em que regulam e ousam versar a respeito da beleza como forma de representação estética e de manipulação do pensamento humano.

Palavras – chave: Beleza, Cientificidade, Estética, Epistemologia, Filosofia e História.

ABSTRACT

The article following have purpose to mark out a dialogue between the Platão’s conceptions and Immanuel Kant around the beauty and beautiful’s problems. In that purpose, pretend to discuss about how the aesthetics

¹ Licenciado e Bacharel em História; Especialista pelo curso de Pós-graduação “Rio Grande do Sul”: Sociedade, política e cultura; Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal do Rio Grande; Bolsista de Aperfeiçoamento CAPES.

² Professor do Departamento de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis (DCEAC/FURG); Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal do Rio Grande.

³ Acadêmica do Curso de História Bacharelado da Fundação Universidade Federal do Rio Grande.

to approach of the beauty to direct a discuss pretending to clear up them possible relations with History and Philosophy. The intention of this research is just to promote the reflection of the problematical to include the beautiful as long as philosophy's 'mechanism' that offers the fundamental and conceptual world comprehension through the hybrid character that is inside the discussion make by philosophy and arts in the measure to regale and to dare about the beauty as a aesthetics representation and human thought's manipulation.

Keywords: Beauty, Scientificity, Aesthetics, Epistemology, Philosophy and History.

Considerações Iniciais

O que é beleza? Em que consiste? Quais são as qualidades que envolvem a beleza? Essas serão as premissas que nortearão esse estudo em torno da beleza. Antes de mais nada, deve-se analisar quais os efeitos produzidos na sociedade que a elege e qual o valor da sua representação. A priori é fundamental ater-se ao caráter que a própria beleza se propõe dissertar.

A consideração que se deve fazer, nesse momento, é referente ao seu conceito. A partir daí, tem-se claramente que para se definir beleza é necessário amparar-se na filosofia, na arte e, substancialmente, na estética para que se compreenda a totalidade de sua manifestação. Ademais, entender a reflexão que delega à beleza enquanto simbolismo e expoente acerca da cultura.

Assim, é inexorável o caráter simbólico que está presente na beleza, pois ela exige um grau de elevação, sublimidade, codificador da representação manipuladora dos alicerces estruturais de tal parâmetro que deve ser significado. Então, torna-se imprescindível a análise do Signo⁴. *“A semiótica ocupa-se indubitavelmente dos signos como sua matéria-prima, mas vê-os em relação à códigos inseridos em unidades mais vastas (...) A semiótica é a disciplina que estuda as relações entre código e mensagem e entre signo e discurso.”* (ECO,1973: 23)

Definir beleza é apontá-la como elemento imbuído de significações que visa à singularidade, pois, necessariamente se utiliza de representação⁵ para se legitimar, ou seja, uma vez que o belo atinge um determinado grau de simbolismo exigindo tal representação.

⁴ Sintoma, indício, sinal manifesto a partir dos quais se podem tirar deduções e similares a respeito de qualquer coisa latente (...) Símbolo, entidade figurativa ou objectual que representa por convenção ou por causa da suas características formais ou valor, um acontecimento, uma meta não exactamente definidos, de um modo obscuro alusivo (...) ECO, Umberto. *O Signo*. São Paulo: Martins Fontes, 1973, p.15.

⁵ EBERSOLE, Luke. IN: SILVA, Benedicto (coord.) *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986, p. 1086.

A provocação, ou seja, a finalidade da beleza é em primeiro momento a percepção, justamente aquilo que se dispõe alcançar e para isso, obrigatoriamente, precisa se definir enquanto signo.

A contemplação da beleza é regida pela totalidade. A beleza somente é estabelecida se for objeto ou sujeito de admiração. Ela necessita de uma apresentação una, expondo todo seu virtuosismo e encanto para que seja eficaz. A beleza se aproxima da estética porque se equipara à perfeição, nessa medida, também deve assumir a *Imagem*, obedecendo quem a delega como ícone ou esplendor de uma determinada sociedade.

Porém, a grande adversária da beleza é a interpretação, porque esta independe da aceitação: não se deve esquecer que a ascensão do belo como elemento representativo está intimamente ligado à idéia submetida da totalidade que a instaura. O belo nunca terá a mesma face, a mesma platéia... Juntamente com sua singularidade nascem o estilo e conseqüentemente a moda⁶. Se tratando de termos conceituais, percebe-se que a beleza por si só exige um elevado grau de sinuosidade, pois é régia, em outras palavras é o baluarte, a finalidade da relação entre a adoração e o senso.

Dessa maneira, nota-se efetivamente que é imputada à beleza a capacidade de não se contradizer, pois quando isso acontece se torna insuficiente. Portanto, o belo requer o apelo da imagem e principalmente, da representação desta imagem para se qualificar enquanto símbolo e a partir daí se estabelecer como totem de uma cultura que a reconheça por fim máximo de significação.

Em realidade, estudar a beleza é sem dúvida alguma, mergulhar em um universo vasto, tentando com o auxílio da arte, desvendar sua importância e sua vinculação, ao menos em última instância com o Sagrado⁷.

“A beleza é, fundamentalmente, um artefato distinto, sedutor e mágico e, portanto, exige um rigor mais apurado referente aos padrões estéticos. É nesse momento que se percebe o papel da arte, pois revela o aspecto mais elevado da produção humana no âmbito de toda e qualquer população.”
(LABORDE, 2004:09).

⁶ A moda é o reflexo do pensamento culturalmente imposto pelas sociedades, as quais determinam os mecanismos comuns que sedimentam os valores morais éticos para uma dada comunidade. Moda é tudo aquilo que permeia os horizontes do cotidiano. O'HARA, Georgina. *Enciclopédia da Moda: de 1840 à década de 80*. São Paulo: Cia das Letras, 1998 p. 286.

⁷ Sagrado: Em sentido amplo é o que é protegido, pela religião ou não, de violação, intrusão e profanação. [...] não é sinônimo de santo [...] Sagrado tem o significado de respeitado, venerado e inviolável. EBERSOLE, op. cit. p.1095.

Enfim, o que se pode definir por hora é que a beleza alça dimensões que contribuem para a afirmação de sua grandeza. E a esse respeito abre-se uma gama que irá abordar tênues nuances em torno do seu efeito nos tópicos a seguir, possibilitando à compreensão em uma tentativa de ampliar e salvaguardar seus horizontes.

1. O Problema do Belo

É bastante peculiar a análise que abarca o belo como potência totalizante para um determinado grupo que a reconheça por signo. Contudo, é paradoxal o sentido para a realização de tal façanha. Faz-se necessário então, para um melhor aprofundamento, refletir a respeito do belo a partir de um desmembramento providencial em favor de sua ligação com a filosofia.

Partindo do pressuposto que para se estudar a beleza, deve-se classificar seus focos de interesse, abre-se então uma discussão entre o princípio natural e o artístico. Assim, se elucidará com maior clareza o objeto, ou seja, o mecanismo utilizado. *“No Belo, por sua vez, cogitava-se tanto do Belo da Natureza quanto do Belo da Arte. Profundamente marcada pelo pensamento platônico, a filosofia tradicional supunha uma certa hierarquia entre os belos (...).” (SUASSUNA, 1979:19).*

Ocorre aqui, uma bifurcação que atende não mais a beleza em seu sentido conceitual, mas sim, no produto que esta visa promover, na sua consistência e principalmente atingindo a sua legitimidade: eis o problema do belo. Além disso, o que é preciso compreender é o valor dessa hierarquia preconizada acerca da sua representação simbólica.

Na verdade, o embate entre o belo natural e o belo artístico, é mais uma questão de identificação do que de classificação. A segregação dessas duas grandezas somente vem a facilitar o entendimento em torno da fundamentação da beleza e, conseqüentemente, do papel da estética nesse processo.

É importante salientar que não cabe aqui julgar qual é a primazia da natureza em relação à arte e sim avaliar essa situação de forma que, cada potência analisada contribua para a sedimentação do estudo. Afinal, não há ousadia de esgotar a discussão, pois nesse momento ainda se mantém um debate superficial.

Recordando a breve insinuação do belo referente ao sagrado, destaca-se também sua ligação com o binômio identificado entre o Bem e o Mal. O caráter divino do belo tende a incliná-lo para o bem, para a pureza, pois a beleza é cândida, associada frequentemente ao ideal simbólico. Todavia, não se pode negar o aspecto sensualista que o belo também

insinua, a sedução anda de mãos dadas com o celestial. Portanto, o bem pode ser belo, mas o mal também é sedutor.

“A intelecção do belo na ciência parece ser um processo análogo a intelecção do belo na arte e existe uma razão poderosa para que seja assim: o objeto da arte e o objeto da ciência compartilham o domínio de toda representação humana. No entanto, sabemos que se trata de domínios polivalentes.” (ESTÉVES, 2000:55).

Para melhor explicar essa dissociação, tomar-se-á por princípio a análise dessas grandezas que permeiam o problema do belo, de maneira separada.

O enfoque relacionado ao belo natural, se reporta à uma concepção ancestral, ou seja, diretamente ligada a origem; revelando o caráter inefável em torno do símbolo que a própria “paisagem” representa. Então, o paradigma a ser analisado é referente aos primórdios da vida. “*Nos brinda a beleza de suas paisagens, sua flora, sua fauna (...) Nos entrega seus prados para amar, lua e estrelas para sonhar e enigmas para o estímulo da fantasia e da razão.*” (ESTÉVES, 2000:37).

A beleza, associada à natureza seria uma espécie de ontologia a favor da arte. Todavia, a ligação do belo ao natural exprime um constante contato, mesmo que inconsciente, com a Arte. Nesse instante, a arte se identifica ao Naturalismo⁸ e assim produzindo algum tipo de beleza de forma espontânea, pois já está pronta. Mesmo sem sofrer nenhum processo de adaptação ou interferência, o belo natural está de acordo com sua representação: só é belo porque alguém o admira e/ou o reconhece enquanto símbolo.

O Sol, por exemplo, para os Incas somente possuía um determinado valor porque esta civilização o concebia de forma simbólica e a partir do seu significado (representação) o tenha por belo. Bem como, a lua, os astros, os mares, somente possuem alguma significação quando são representados para determinadas culturas que às exprimem e qualificam-nas imputando-as à beleza.

A Natureza como representação artística será discutida substancialmente no campo da estética. Irá travar-se um embate entre a relação da arte com a *natura*, destacando principalmente quais são as bases que identificam à natureza em favor da arte, transformando-a em beleza.

“O belo na natureza parece codificado nas estruturas simétricas dos objetos e dos seres vivos. E sua essência tem sido expressada em relações

⁸ HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.02

matemáticas, que constituem parâmetros e cânones de beleza (...) A estética da natureza ajuda a compreender as leis que regem nela, amar suas forças telúricas e estabelecer uma comunicação familiar e enobrecedora com ela.” (ESTÉVES, 2000:41).

No entanto, será através do belo artístico que a filosofia dissertará a favor do estudo da beleza de forma coerente. A criação artística depende da manifestação do espírito, estando ligado ao homem, portanto, participa da interferência humana (BARSA, 1998:81). O olhar do homem sobre a natureza é o que impulsionará a realização da Arte. Assim, a interpretação do objeto desejado somado às impressões do artista, acarretam no belo.

O prisma da beleza em relação a arte se instaura sob a bula da manipulação da realidade. É nesse momento que o artista ratifica a sua função. Além disso, a produção do belo se torna dependente da vontade humana, mais próxima do ideal simbolizado pela totalidade, tornando-se eficaz, pois, passa pelo filtro do artista que de uma forma ou de outra é refém ou algoz da cultura a qual representa.

A manifestação da arte acerca da beleza propicia um desenvolvimento através em relação ao imaginário⁹. Em uma tentativa de explorar os inúmeros matizes que a filosofia agrega em torno do problema do belo. Instaurada a divergência entre a natureza e a arte; ora, se somando ora, se contradizendo. *“A beleza consiste em unidade e variedade.”* (SUASSUNA, 1979:51).

Com o princípio artístico nascem os conflitos entre a harmonia e a desordem, grandeza e ordem. A concepção de unicidade em torno do belo começa a sofrer transformações que merecem a atenção e a consideração da estética para resolver esse problema.

Em síntese, a separação do belo entre bem e mal, natural e artístico, promovem na realidade, um maior cuidado em relação ao tratamento da beleza. Indicam na verdade, o ponto primordial para a exploração da estética e esta encontra na beleza um convite para ser desvendada, a partir de agora a estética se encarregará de abordar o problema do belo.

⁹ “(...) As ciências humanas punham em destaque o facto de qualquer poder, designadamente o poder político, se rodear de representações colectivas. Para tal poder, o domínio do imaginário e do simbólico é um importante lugar estratégico(...) A história verdadeira e real dos homens está para as representações(...) O Imaginário social é cada vez menos considerado como uma espécie de ornamento de uma vida material considerada única e real(...)” BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*.v.05. Enciclopédia Emaudi. Antrophos Homem. p. 297-298.

2. Reflexões acerca da Estética

O estudo da estética¹⁰ nesse trabalho se dá de forma providencial, pois desvenda todos os mistérios envoltos no belo. A estética é o ramo da filosofia que se atém a esse inebriante problema. Discute entre outras coisas a qualidade e o valor da beleza relevante a cientificidade. Em especial, a estética delimitará os parâmetros de uma análise mais profunda do objeto de pesquisa.

Através do amparo da ciência é que será sacralizado o mais importante binômio a ser enfocado, pois para existir o belo, necessariamente o feio deve se fazer presente. O entendimento dessa relação não se dará apenas em termos de comparação, mas de forma que se compreenda com mais clareza a legitimidade da beleza.

A intenção da estética é acentuar a contribuição da filosofia nessa discussão. Há uma inclinação da estética em se tornar uma filosofia da beleza, mas deve-se ter cautela a respeito dessa afirmação. A estética surge como uma reformulação em relação à beleza e à arte e para isso é preciso analisar o teor dessa fundamentação.

Primeiramente, se torna imprescindível averiguar a função da arte para o saber estético. Antes de mais nada deve-se esclarecer que a arte seria o meio, a linguagem imediata que possivelmente transmite e divulga o belo para a totalidade, tentando promover uma espécie de comunicação entre aqueles que a admiram. *“A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo, reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e idéias.” (FISCHER, 1977:13).*

Todavia, por hora é prioridade enfatizar a beleza. Refletir sobre a estética é entender o processo de instrumentalização da beleza, é compreender os mecanismos que a consolidam enquanto representação.

O campo da estética abarca inúmeras considerações além da beleza. Pode-se citar: o gracioso, o risível, o sublime, o trágico entre outros. O objeto da estética que interessa aqui é quando o belo está submetido, obedecendo a arte com o propósito de cada vez mais aperfeiçoar a sua cultura. Portanto é através da estética que identifica-se os conceitos de limite, ordem e simetria somados conseqüentemente à sensibilidade de quem a produz.

¹⁰ Estética: No sentido da ciência da criação artística, ciência do belo ou filosofia da arte, ao empregá-la pela primeira vez, Alexander Baumgarten dividiu a gnosiologia(teoria do conhecimento) em sensível e intelectual(...) inclui a estética no domínio do sensível(...) definindo-a como ciência do pensar belo ou correto cuja razão de ser é a perfeição do conhecimento.” ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, v. 08. São Paulo: Encyclopédia Britannica do Brasil publicações, 1994. p.4212

Fundamentalmente o signo da beleza e a representação da arte são o objeto de reflexão estética. Denota-se uma relação profunda com a filosofia da arte, pois esta repousa nos conceitos de perfeição e criação, e a estética auxilia no que se refere à imitação, aproximando-se mais da perfeição. Assim, a beleza enfocada através da estética assume a forma da finalidade de um objeto (belo), que é neste percebido algum tipo de representação.

“Se había dado existencia a um mundo de formas y fantasías bellas, que por necesidad tenía que haber adiestrado la percepción a reconocer la belleza desplegada en el sector correspondiente de la naturaleza, es decir, principalmente en la forma humana, y tiene que haber desarrollado algún sentimiento, em parte consciente, de lo bello. Como distinguible de lo bueno y de lo verdadero.” (BOSANQUET, 1961:24).

O esclarecimento proposto pela estética em favor da beleza se apresenta em sua transformação em utilidade; a estética faz com que o belo responda a um fim previsto. A beleza assume um caráter sensualista, com a análise estética pode-se vislumbrar a essência e a consciência do belo como reflexo de uma realidade objetiva. Dessa forma, sua percepção se estabeleceu sustentada pelos conceitos de simetria e harmonia¹¹, participando do processo de atividade correlacionado à história.

Os valores estéticos definiram uma ascendência social denotando os alicerces do que teremos por humanismo (Arte); enriqueceram sua relação com os objetos naturais estendendo as propriedades da beleza agora submetidas a consciência. A condução da estética em favor da abordagem do belo permitiu um desenvolvimento mais profícuo no que tange às necessidades da avaliação, ou seja, da análise do homem, da arte e mais especificamente do belo como expressão significativa desses expoentes reunindo-os em objetos de representação que aqui estão associados ao valor da produção da imagem e do seu teor emblemático.

É de suma importância registrar que o conhecimento acerca da estética é bastante amplo. O que se tenta transmitir aqui, são apenas noções da abordagem estética em torno da beleza que serão esclarecidas ao longo do artigo. Porém, acima de tudo é necessário destacar o caráter que a estética atribuiu à reflexão da beleza.

Uma das mais preciosas considerações realizadas é a referente à delimitação do que se tem por belo. A beleza exige padrões elevados e requer um determinado rigor. A estética propõe uma espécie de regência para o belo, ou melhor, o seu papel é definir e conceituar,

de maneira que qualifica e descerra toda e qualquer impressão comum e banal em relação ao caráter do belo.

Em contrapartida, ela é tenra, pois se atém apenas a isolar a beleza em forma de tóten (pelo menos por hora), no que diz respeito à existência do seu extremo: o feio, sendo este elencado pela totalidade que também o dignifica. Dessa maneira, percebe-se que a estética precisa utilitariamente do auxílio da filosofia.

Conclui-se que a estética e a arte, estão próximas no desenvolvimento de uma teoria do belo. É a estética que analisa a beleza e, portanto, possui alguma autoridade sobre o assunto. Todavia, para essa ótica ela necessita de auxiliares; para tanto a seguir se denotará a contribuição da arte no estudo da beleza e, conseqüentemente, estará sendo abordada também a estética fazendo-se presente em todo o processo que permeia a elucidação do belo.

3. A Arte e a Beleza

Antes de anunciar a interferência da arte nesse processo, deve-se elencar os objetos que corroboram para a compreensão da reflexão destinada. Os ramos a serem utilizados em torno da Arte serão a escultura, a pintura e, em momentos estratégicos, a literatura, por se tratar de uma aproximação ligada à imagem, em decorrência da amplitude do estudo à manifestação artística. Assim, se tornando mais coeso o objetivo focado.

Portanto, primeiramente será discutido de forma geral o conceito de Arte¹² acerca da exploração do objeto.

“(…) a Arte é considerada pelos idealistas, como mais reveladora da natureza das coisas do que da ciência. A arte revela mais claramente, que tanto nas operações produtivas como os produtos acabados são mentais ou espirituais. Na verdade a visão artística da própria natureza desvendará a espiritualidade fundamental, apresentado-a tão claramente como uma obra do espírito que pode ser definida como uma obra arte de arte cósmica.” (ALDRICH, 1976:47).

Tomar-se-á por princípio a íntima ligação da produção artística estimulada em razão da beleza para lapidar as considerações acerca da imagem. A visualização, a necessidade da

¹¹ Aristóteles na metafísica(...) diz que as formas superiores do belo são a ordem a simetria e o limite(...) Em um processo harmônico dominando as reflexões sobre a natureza do belo.” Id. Ibid. p.4212-4213

¹² Arte: Toda arte, ars, tékné(...) Destarte, o homem, em última análise, tende, pela arte, a libertar-se da natureza obedecendo a ela e dominando-a, para cada vez aperfeiçoar o âmbito da cultura, o que é praticado e feito pelo homem com saber, com arte. MIRADOR, op. cit. p.833

representação serão precisas para aprofundar essa aproximação desencadeando então, uma espécie de otimização do desenvolvimento do signo da estética conjugado ao artístico, explorando sem dúvidas, seus matizes oriundos inclusive do processo natural da arte.

Portanto, pode-se dizer que a arte representa todo o trabalho criativo que se percebe consciente ou inconsciente, com intenção estética, ou seja, com a finalidade de alcançar resultados belos. (BOSANQUET,1961:35) Sendo assim, para a arte, o caráter do ideal da beleza se torna subjetivo, pois ela (a beleza) se metamorfoseia de acordo com os tempos e com os costumes; o artista com certeza se atém mais à possível beleza de sua obra do que na verdade, na elevação ou utilidade que possivelmente tenha.

Em relação a preocupação mais voltada ao belo do que com a verdade, permite que o artista jamais aceite apenas o “real” como fonte de matéria-prima (por isso o imaginário). As ferramentas do artista, sem dúvida são a imaginação e a criação e, como real, em si, pode despertar no homem, além da arte, tanto na filosofia como na ciência, deve-se apontar como fonte mais determinante da criação artística a imaginação. Esta, em última instância, é a capacidade de projetar imagens.

A arte transforma-se em uma linguagem composta de imagens e símbolos, pela qual o homem se comunica em termos mais perceptivos do que conceituais. Contudo, o aprimoramento das habilidades do artista torna-se necessário para que se possa estabelecer essa comunicação a outras pessoas àquilo que concebe.

“A discussão sobre Arte ocorre em uma variedade bastante grande de modos logicamente diferentes. A classificação geral visualmente reconhecida apresenta três desses modos: a descrição, a interpretação e a avaliação. Pode-se, sem violência demasiada, colocar a maior parte da discussão sob um ou outro pormenor a invadir a seara alheia ou ficando na fronteira.” (ALDRICH, 1976:108).

Nessa medida, o papel do artífice, é interpretar e explicar o universo em que vive em todos os seus aspectos. Enquanto processo criativo a arte envolve a participação tanto do artista (criador) quanto de quem a admira. Assim, a arte tem o “Dom” de disciplinar à imaginação, desenvolvê-la conferindo a visão e a mente linguagens perceptivas capazes de lhes possibilitar a reação e o entendimento de matizes cada vez mais sutis à percepção.

Depois de toda essa breve explanação em torno da arte é necessário concentrar esforços para a análise dos ramos elencados que interessam tal elucidação. Dessa forma a compreensão da arte é bastante vasta e tomaria muito espaço para a concretização da abordagem pretendida.

Sobre a Escultura¹³ pode-se dissertar que esta traduz a intenção da criação representativa do artista. O contato com a obra se dá de forma mais intimista, participa da imaginação e da criação, porém vai além, se apropria da manipulação da matéria-prima, pois está presente na definição do material a ser utilizado (barro, madeira, mármore, metal,...).

“A estatuária, porém, antes de tudo, é mais pinturesca que a arquitetura. É representacional e, assim, dotada de maior capacidade de expressão, no sentido restrito (...) Uma estátua é para se vista e sentida como algo, diferentemente de um prédio, por mais artisticamente composto que este seja.” (ALDRICH, 1976:83).

Já a Pintura¹⁴ revela um aspecto mais significativo, pois emblema as potencialidades do artista alcançar a representação do real transpondo para a tela o objetivo pretendido. Não que isso não ocorra na escultura, de fato se percebe de forma mais tênue – a produção e revelação da imagem – através da pintura por se tratar de um processo mais ligado a composição¹⁵. Assim, parece que há uma espécie de condensação que envolve essa manifestação da arte. “*Um homem talhado em pedra é significativamente diferente de um homem pintando num quadro.*” (ALDRICH, 1976:85).

No entanto, a Literatura¹⁶ desperta um outro significado, do qual a escultura e a pintura não participam. A obra literária se remete mais à produção da imaginação que a representação propriamente dita. O seu teor simbólico é completamente distinto daquilo que é vislumbrado, visto que está intimamente ligado à solidificação da *narrativa*. A inteligibilidade da literatura discorre em volta do universo puramente ficcional, por se tratar da “representação” da imagem de forma subjetiva. “(...) *Na época do classicismo, um poema era um veículo para expressar um pensamento ou uma emoção da maneira mais elegante e digna de admiração.*” (FISCHER, 1977:192).

¹³ Como a arquitetura, a escultura desenvolve-se no espaço tridimensional(...) A escultura e a arquitetura coexistem sempre em estreito relacionamento, já que a maior parte do ornato arquitetônico, tanto externo como interno, é concebido em termos escultóricos(...)” NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. v.02. São Paulo: Encyclopédia Britannica do Brasil publicações, 1998. p.86

¹⁴ Como em qualquer outra das artes plásticas, a imagem pictórica é fictícia, isto é, não tem existência tridimensional. Visto que o artista só trabalha sobre um plano, tem que recorrer a expedientes que lhe possibilitem representar objetos no espaço. Tais métodos incluem a perspectiva, o chiaroscuro e o uso da cor. Id. Ibid. p.85

¹⁵ “(...) o homem na pedra parece menos problemático, porque a pedra, mesmo apenas como material, tem um vulto, em virtude do qual ela pode acomodar (corporificar) a imagem, proporcionando uma coincidência mais fácil do formato de tal material com a forma da imagem petrificada(...) Um quadro, porém, como pigmento sobre tela ou como impressão fotográfica, parece ser curiosamente distendido ou inflamado pelo conteúdo ou imagem.” ALDRICH, Virgil. *Filosofia da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p.85

¹⁶ NICOLA, José. *Literatura Brasileira: Das origens aos nossos dias*. São Paulo: Scipione, 1996. p.131

A literatura, diferentemente da pintura e da escultura, independe da arte; ela sobrevive de forma autônoma. Participa da arte no que tange a beleza (poesia, romance,...), mas consegue transcender os limites da arte, ampliando seus horizontes.

A necessidade da arte para o entendimento do belo, se revela de maneira primordial, pois, é através da arte que possivelmente se calca a relação da beleza com a estética. A manifestação artística seria a engrenagem para a dissolução desta abordagem em torno do belo, a estética então serviria de combustível legitimando essa relação e a filosofia fundamentaria essa grande associação e cooperação de tal compreensão.

4. A História da Arte

Ao longo dos tempos e ao passo que se transporam as gerações, a manifestação artística saboreou mutações em sua forma de ser e, coube a História da Arte apreciar essas transformações. Através da História é que será possível determinar uma espécie de ordenação dos fatos sob o prisma da arte. A História da arte também se encarrega de estabelecer uma concatenação dos fatos históricos a partir da explicação artística.

Nessa medida a evolução das “eras históricas”, puderam ser enfocadas de acordo com os movimentos culturais de cada época, a arte por vezes é um instrumento bastante eficaz para elucidar as nuances da história da humanidade. Assim, cita-se: a arte da antiguidade, do renascimento, a moderna, a contemporânea,... Como também suas variáveis: a grega, a mongol, a surrealista,...

A função do historiador da arte é analisar a sociedade sob o signo da liberdade, do pensamento e da cultura que de certa maneira estão ligados intimamente à arte. Em particular, o papel da história nesse processo serviu para resolver o problema do estilo, ocupando um espaço entre a estética, a teoria geral da arte e a filosofia. Indicou também, uma unidade cultural, desenvolvendo um estudo das manifestações artísticas denotando, por exemplo, a passagem do *romântico* para o *clássico*, do *renascimento* à *arte moderna*. É uma linha bastante tênue que determina as considerações que revelam a diferença da Arte européia até a do Extremo Oriente; por isso a história da arte sublima os limites, indo da evolução histórica até a arquitetura do Taj Mahal¹⁷.

¹⁷ Uma das maiores jóias da arte indiana do século XVII, o Taj Mahal é reconhecido não apenas como suprema realização da arquitetura mongol, mas também como uma das belas edificações do mundo (...) Taj Mahal é um suntuoso mausoléu que o imperador Shah Jahan mandou construir em Agra, cidade ao norte da Índia, em homenagem à sua esposa e companheira Arjumand Begam, chamada Mumtaz Mahal, que significa “a favorita do palácio.” É considerado o templo do Amor. Barsa. op.cit.p.454

“(…) não se deveria exigir demais do paralelismo entre a história da visão e a história geral do espírito, nem da comparação entre coisas que não podem ser comparadas. A arte preserva sempre a sua especificidade. E, precisamente porque sempre foram produzidas novas formas de concepção no âmbito da visão pura, é que ela foi criativa, no sentido mais elevado da palavra.” (WOLFFLIN, 1984:271).

Enfim, a História da Arte é de grande importância para a compreensão dos fatos que circundaram a análise posteriormente tecida à respeito da Renascença. Através dessa explanação artística é que se desenvolverá um entendimento mais profundo sobre o assunto.

5. Diálogos entre Platão e Kant

É paradoxal o sentido atribuído entre a filosofia e a beleza, para isso foi necessário tecer alguns destaques perante a atenção concedida por parte da filosofia acerca da temática que se desenvolveu aqui. Para melhor fundamentar essa trajetória, se marcou um diálogo entre Platão e Kant, por denotarem uma especial abordagem sob o problema do belo.

Indubitavelmente, que há uma série de teorias e filósofos que poderiam contribuir para tal explanação, todavia foi identificado aspectos bastante significativos para a escolha desses paralelos. As informações que Platão e Kant nos indicam irão elucidar melhor o teor dessa relação, travando também um debate entre a estética como a própria filosofia da arte¹⁸.

De acordo com Platão¹⁹, a beleza é de maneira geral elemento de estudo da estética. O problema do belo e da arte suscitam na essência buscando algum tipo de correspondência com o sagrado, revelando um caminho místico para o alcance da beleza absoluta. Assim,

“A arte está relacionada com o sensível. A beleza é uma artimanha do mundo sensível, através do seu elemento de Eros. Aqui entra a função do belo na teoria platônica, como se havia mencionado; não sendo porém o belo exclusivamente relacionado a arte.” (SILVA e LORETO, 1995:25)

¹⁸ Criação eminentemente alemã, a Filosofia da História da Arte ocupa um lugar intermediário entre a estética e a arte. Id. ibid. p.87

¹⁹ Platão viveu por quase meio século depois da morte de Sócrates, morrendo aos 81 anos de idade. Durante essa época publicou cerca de duas dezenas de diálogos que variam de 20 a 300 páginas de impressão moderna. MAGEE, Bryan. *História da Filosofia*. São Paulo: Ed. Loyola, 2001.

Portanto, o valor da beleza está no mundo das idéias, voltado mais para a estética que está em busca da perfeição: o belo. Para Platão, o belo é uma manifestação real (visível) das idéias e arte é a imitação desenvolvida pelo mundo sensível, é um “re-produzir”. (SILVA e LORETO,1995:24)

A concepção platônica referente à beleza ainda vai além, ela se remete em última instância ao problema do Amor; e se torna bastante evidente no diálogo o “Banquete”²⁰. A beleza, ou o ato da beleza está associada a verdade e principalmente ao ideal absoluto. A beleza assume então, um papel singular, tornando-se cada vez mais divinizada. “*A beleza é o brilho ou o esplendor da verdade.*” (SUASSUNA, 1979:44).

Em realidade, a teoria platônica da beleza se detém na representação “visual” do belo, em um primeiro momento à identificação em favor do espírito referente à reminiscência. Já em segundo momento transfere a discussão para o campo da estética calcando-se no reflexo da beleza absoluta e por fim, insinua uma relação com a verdade, sendo está representada através da essência e da natureza das coisas.

“Assim, pelo caminho do amor, primeiro o físico e depois o espiritual, o homem pode se elevar da beleza sensível até a contemplação extática da beleza Absoluta, única e veneradora e da qual todas as outras belezas menores participam.” (SUASSUNA,1979:44).

Em contrapartida, Kant²¹ atribui o problema do belo e da arte à manifestação do sujeito, pois reconhece neste as potencialidades da manipulação do efeito enfático que visa simbolizar. A partir dessa proposição pode-se identificar uma reação do sujeito mais aproximada ao caráter do belo.

Além disso, a arte em favor da estética assume imediatamente o objetivo de vislumbrar aquilo que efetivamente se propõe resolver: a complacência. Então,

“A arte bela, como toda a arte em geral, pressupõe regras em base às quais é representada como possível toda produção que possa merecer o atributo de artística (...) a arte não pode conter a idéia de regra segundo a qual seu produto é realizado.” (SILVA e LORETO, 1995:49).

O que Kant tenta transmitir é uma idéia de beleza livre, concebida a partir de um prazer desinteressado, uma beleza esteticamente pura, liberta de amarras e perigos que circundam

²⁰ O banquete: uma investigação sobre a natureza do amor. Id.ibid.p.26

²¹ Kant foi o primeiro grande filósofo desde a idade média a ser um acadêmico profissional.(...)Considerado por quem se dedica à filosofia como principal figura a emergir nesse campo desde os antigos gregos. Id.ibid.p.132

a representação. “*A satisfação determinada pelo juízo estético apoia-se no livre jogo da imaginação, é uma espécie de harmonização das faculdades causada pela sensação de prazer.*” (SUASSUNA, 1979:70).

Dessa maneira, o belo seria determinado pelo juízo de gosto sendo em finalidade sem fim. É nesse momento, que a *arte abstrata*, alça um valor significativo, pois, sublima a estética (objeto), impondo sua relevância (sujeito).

Considerações Finais

A abordagem realizada por este estudo foi justamente a de ir ao encontro do reconhecimento do verdadeiro domínio ao qual repousa a ‘beleza’. Em uma tentativa de teorizar acerca das mais diversas inter-relações do belo em suas mais variadas esferas. Nessa medida, pretendeu-se traçar uma perspectiva que atende-se aos anseios da arte, da filosofia e da estética.

De certa maneira todo esse embate filosófico sempre se manteve salvaguardado sob a égide da beleza encontrando nesta a razão fundamental de sua explicação em torno do conhecimento que ancestralmente esteve ligado intimamente ao belo, bem como a outros ramos do saber científico. Assim, procuramos identificar em Platão e Kant elementos de convergência a respeito da problemática levantada, mesmo identificando que os dois pensadores pertençam a épocas diferentes, tentou-se aproximar suas posições para melhor elucidar o problema do belo.

Procurou-se destacar também, o sentido e a idéia que envolve o conceito de arte (abstrata) que em algum momento se revela submetido ao prazer desinteressado, tornando-se mais pura, a arte, proporcionando uma beleza mais genuína, livre de um rigor estético mais apurado. Diferentemente de Platão, a qual a beleza é dignificada associada ao objeto, Kant demonstra a beleza como produto do sujeito mais próximo ao ideal de satisfação regida pela sensação, obedecendo talvez, ao senso da interpretação.

Enquanto Platão se dedica a busca de perfeição, Kant se atém a sensação. Obviamente que entre esses dois filósofos existe um distanciamento temporal que, como foi lembrado, não pode ser desprezado. Porém, dentre tantos filósofos que dissertam a respeito da beleza, nestes em especial se reconhece uma peculiar afeição que corroboram para o estudo.

Apesar de possuírem idéias divergentes, tem-se em Kant e Platão, elementos essenciais para a compensação do belo no patamar filosófico.

A relação entre teoria Platônica e a Kantiana, serve para esclarecer as brumas que envolvem a beleza. Nessa medida, através dessa abordagem, mesmo que por vezes radicalmente oposta, pode-se tirar proveito do significado do belo, de como pode ser representado, ou seja, de que maneira a beleza se revela enquanto símbolo totalizante.

Em suma, falar a respeito da beleza é de certa forma disciplinar o olhar sobre o universo, é associar a filosofia e a história a um jogo estético que tem por regras, utilizar-se de imagens para manipular o grande desafio do conhecer. O belo por sua vez revela faces que denominam e reconfiguram todo um pensamento o qual está balizado por determinadas leis, mas, a arte e a sua eterna “manutenção da imagem” destaca para todos nós a verdadeira beleza que pode estar presente no conhecimento filosófico. Denota também a imensa magia que pode estar por de trás de todo conhecimento científico como *espelho da arte que deixa refletir em sua verdade a emergência da estética*.

Referências Bibliográficas

ALDRICH, Virgil. *Filosofia da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. v.05. Enciclopédia Einaldi. Antrophos Homem. 1977.

BORDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOSANQUET, Bernard. *História de la estética*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1961.

EBERSOLE, Luke. IN: SILVA, Benedicto (coord.) *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

ECO, Umberto. *O Signo*. Trad. Maria de Fátima Marinho. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, v. 08. São Paulo: Encyclopédia Britannica do Brasil publicações, 1994.

ESTÉVES, Pablo René. *O Belo*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2000.

FISHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

LABORDE, André. *A Mais Bella do Rio Grande: um estudo sobre as relações de gênero no universo dos concursos de beleza na década de 70*. Rio Grande: FURG, 2004. (Monografia de Pós-Graduação)

LORETO, Marie Lúcie da Silva & SILVA, Ursula Rosa da. *Elementos da Estética*. Pelotas: Educat, 1995.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MAGEE, Bryan. *História da Filosofia*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

NICOLA, José. *Literatura Brasileira: Das origens aos nossos dias*. São Paulo: Scipione, 1996.

NOVA ENCICLOPÉDIA BARSÁ. v.02. São Paulo: Encyclopédia Britannica do Brasil publicações, 1998.

SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. Recife: Ed. Universitária, 1979.

TARNAS, Richard. *A epopéia ocidental: para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo*. Trad. Beatriz Sidou. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

WOLFFLIN, Heinrich. *Conceitos Fundamentais da História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.